

Cara Suellen,

Logo de saída, queria deixar registrada a minha alegria em ler o seu texto. Confesso que me senti atraída de cara por ler um texto escrito por uma mulher. E que alegria maior: uma mulher que escreve sem que o tema, os personagens e a trama esbarrem nos lugares comuns do “feminino”. Pois, não é? O sertão está em toda parte... – disse Rosa. E os que falam na sua peça são homens, e falam para homens (“O senhor vai achar graça”).

Muitas vezes assisto peças cheias de boas frases de efeito, as tais tiradas inteligentes, espertas, descoladas. Afinal, parafraseando A.C. César, todo mundo acha que é Nelson Rodrigues. Seu texto, no entanto, tem essa qualidade da ironia, das frases inteligentes, dessas que viram refrão, mas que se tornam vivas, porque saem vivas da boca dos faladores. Não estão ali tomando sol no facebook para ganhar likes.

Trilhos é assim sinuosa, perigosa. À leitora cabe se mover, não se deixar enganar por falsos busílis, e, sobretudo, se perguntar: quem fala? Essa qualidade do seu texto, Suellen, é fantástica. As máximas “camelô vende pra quem não quer comprar”, “somos todos camelôs” dão pistas falsas, são falsas encruzilhadas. Porque o que vale é esse “quem fala” que se divide, se multiplica, se torna um só em tempos diferentes. Pode ser assim, mas também pode ser de outro jeito. Ah, tão bom me deixar espaço para imaginar, escolher, escrever uma leitura infinita. Tão bom quando um texto de teatro se sabe início, proposição, problema. Viva o irrepresentável.

A letra não dá conta. Quero com isso dizer que penso que a graça é justamente a dificuldade de discernir essas três vozes. Quem que engata uma história com esse suposto ouvinte (“o senhor não concorda”)? O formato da letra (caixa alta ou itálico, estilo ou tamanho da fonte) simula fronteiras que não dão conta da complexidade da sua proposta. Porque esses sujeitos que falam não são três, nem um. São vários. Porque no momento em que um abraçou a perna do outro, tudo mudou. Então as vozes que se seguem, que encenam tempos de vida diferentes, dispersam e confundem. Confusão bem-vinda já que há tempos eu é um outro.

Uma dramaturgia que conversa com o tempo tem sempre essa janela aberta para um futuro incerto. E quanto mais aberta às leituras e escrituras (cênicas), maior o desafio. O desafio bom, aquele que vale a pena. Nem sempre o menos doloroso.

O Pregador, o camelô e o presidiário seriam as vozes, os momentos de vida de um só, seccionado pela narrativa. Mas prefiro pensar que você está criando um problema bom de enfrentar, Suellen, na hora de encenar seu texto. Porque quem fala quando alguém fala? Que figuração humana dá conta da dessemelhança de nós em relação a nós mesmos? Como des-causalizar a narrativa? Como retirar a linha evolutiva que une um falador a outro e a outro? Será a cena de um homem só? Será a cena de três? Em que corpo habita essa voz, cheia de malandragens, estratégias e máximas (“todo homem um dia passa por uma situação em que se vê numa encruzilhada na vida.”). Pois o bom na leitura, essa indecisão sobre quem fala, essa revelação paulatina, tem que ser levada à cena.

Sua dramaturgia, Suellen, é construída com mistério, com dúvida. Me pergunto como manter a névoa na cena. Como não deixar que o “teatro”, ou melhor, suas convenções – o corpo humano, por exemplo – definam o que você tece em abismo? Li *Trilhos* como uma peça em abismo. A própria ideia de personagem é posta em abismo. Restam as palavras, o eco de um busílis, como o tema musical que se repete. Resta, como lembrança, a equação do camelô, uma questão que se torna refrão maldito e salvador. A encruzilhada na vida, o cerne da questão a gente não acha nunca, mas aquele que fala pensa que sabe. E nós que o vemos, ouvimos a fratura. Ali paira o enigma. Como toda parábola (tal como a de Lázaro e sua irmã), permanece aberta (a infinitas leituras e interpretações). A forma parabólica é breve e se utiliza das repetições, isso apareceu para mim no seu texto, sobretudo nesse jogo de revelação e desfazimento desse “eu”. “Eu” que, aliás, é plural, é “a gente” muitas vezes, a nos lembrar dessa instabilidade, dessa mobilidade. Sim, é movediço! Creio ser essa uma qualidade importante do seu texto, principalmente porque é uma noção interessante de estar presente na sua encenação. Há algo ali que não se fixa. E isso é muito bom, constitui um instigante desafio-norte da pesquisa de encenação.

Às vezes durante a leitura do seu texto, me peguei imaginando quem seria esse destinatário, esse a quem o(s) falador(es) camelô/preso/pastor se dirige(m). “o senhor sabe?” Inventei um entrevistador, um auditório, um tribunal... e por aí vai. Mas também me perguntei por que é um papo de *homens* que se estabelece no texto? E logo me vi diante da reflexão sobre essa cultura masculina, essa aspiração à totalidade, às explicações absolutas, o super-eu. Achei interessante você ocupar esse lugar de fala (de

homem para homem) justamente realizando uma operação pulverizante desse sujeito locutor.

Por fim, o gesto de se jogar aos pés. Ato repetido por Maria, irmã de Lázaro, pelo guarda que coloca a tornozeleira no recém liberto e por aquele em ^{que} se atira. A repetição do gesto em contextos diferente sublinha as possibilidades infinitas da ação humana. Essa é a encruzilhada, o busílis. Como se equilibrar nos trilhos? O jogo proposto pela teia dramática que você constrói me sugere a multiplicidade de vozes ao mesmo tempo em que todos são um só. Como tensionar isso (na cena)? Como é um narrador que se parte em tempos? Como tornar *um* aquilo que é múltiplo? As possibilidades abertas por você, Suellen, nesse texto são muito pertinentes às discussões sobre os des-limites do teatro, da representação. Li sua peça vislumbrando uma teatralidade problematizada e vibrante. Palavra que quer voz(es) e corpo(s).

Agradeço a generosidade dessa proposta de interlocução e espero ter contribuído de alguma maneira com o seu trabalho.

Abraços

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Maria Vaz', with a stylized, flowing script.